



INTERPRETAÇÃO FIGURAL DE ERICH AUERBACH COMO FERRAMENTA HERMENÊUTICA

FIGURAL INTERPRETATION OF ERICH AUERBACH AS A HERMENEUTIC TOOL

*Álvaro César Pestana**

RESUMO

Erich Auerbach, em sua obra clássica “Figura”, apresenta a “interpretação figural” como uma ferramenta de interpretação do Velho Testamento pelo Novo Testamento e por autores e textos posteriores da literatura ocidental. O objetivo deste estudo é mostrar que a “interpretação figural”, descrita por Auerbach, também pode ser encontrada nas interpretações do próprio Velho Testamento com referência a si mesmo e ainda nas interpretações do Novo Testamento com respeito a si mesmo. Desta forma, constata-se que a interpretação figural não nasceu com o cristianismo, mas com a própria Bíblia Hebraica. O estudo se realizará por meio de pesquisa qualitativa bibliográfica e por meio da exegese de textos seletos, de ambos os Testamentos, que confirmem a interpretação figural em cada um dos Testamentos. Os resultados obtidos reforçam a relevância e a utilidade desta abordagem como ferramenta hermenêutica para a análise de textos bíblicos, sendo também aplicável a textos que se utilizam das figuras e discursos da Bíblia em sua elocução.

Palavras-chave: Bíblia. Figura. Hermenêutica Bíblica. Tipologia. Alegoria.

* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP (2021). Diretor e professor da Escola de Teologia em Casa. Membro da diretoria e professor do Seminário EBNESR em Recife, PE. Professor conteudista da modalidade EaD da Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: alvarocpestana@gmail.com.



ABSTRACT

Erich Auerbach, in his classic work "Figure", presents "figural interpretation" as a tool for interpreting the Old Testament by the New Testament and by later authors and texts of Western literature. The aim of this study is to show that the "figural interpretation", described by Auerbach, can also be found in the interpretations of the Old Testament itself with reference to itself and also in the interpretations of the New Testament with respect to itself. In this way, it appears that figural interpretation was not born with Christianity, but with the Hebrew Bible itself. The study will be carried out through qualitative bibliographic research and through the exegesis of selected texts, from both Testaments, that confirm the figural interpretation in each of the Testaments. The results obtained reinforce the relevance and usefulness of this approach as a hermeneutic tool for the analysis of biblical texts, being also applicable to texts that use the figures and discourses of the Bible in their elocution.

Keywords: Bible. Figure. Biblical hermeneutics. Typology. Allegory.

1 INTRODUÇÃO

Vários estudiosos já assinalaram que o uso do conceito de Figura e a interpretação figural, conforme definidos e trabalhados por Erich Samuel Israel Auerbach (WAIZBORT, 2004, p. 87), são instrumentos relevantes e atuais para os hermeneutas bíblicos (DAWSON, 2001; DUSILEK, 2013; 2014; 2015; 2017; WHITE, 1999; ZABATIERO; LEONEL, 2011; ALTER; KERMODE, 1987, p. 4).

Para Auerbach, a interpretação figural se fez, inicialmente, entre a *Tanakh* (Velho Testamento) e o Novo Testamento, e foi inaugurada pelos intérpretes cristãos, sendo, depois, transmitida de muitas formas à Idade Média.

O objetivo deste artigo será mostrar que o conceito de figura e a interpretação figural já está presente já na construção das narrativas da própria *Tanakh*, e também foi um recurso utilizado pelos autores cristãos na construção das narrativas dos Evangelhos não apenas na relação com a *Tanakh*, mas em relação à própria história do Evangelho.

2 A LEITURA FIGURAL DE AUERBACH A PARTIR DO NOVO TESTAMENTO

Para Auerbach a Figura apresenta o "significado mais profundo das coisas" (AUERBACH, 1997, p. 32). A interpretação figural difere da alegórica por afirmar a historicidade e a realidade das duas narrativas relacionadas. A interpretação

alegórica, em sua origem e prática, procura esvaziar a historicidade do relato no qual se baseia (AUERBACH, 1997, p. 27-29).

Na visão de Auerbach (1994, p. 63), a relação figural entre dois eventos, sobretudo falando das narrativas da *Tanakh* em relação às do Novo Testamento, decorre da providência divina que é a “única que pode planejar a história desta maneira e a única que pode fornecer a chave para a sua compreensão”. A providência divina aproxima os eventos tanto no tempo como no fator gerador deles (DUSILEK, 2014, p. 73-74).

A inclusão *Tanakh*-Novo Testamento na leitura figural, também inclui um terceiro elemento, o leitor (DUSILEK, 2014, p. 74), que participa no realismo do texto:

Ao falar de Figura, Auerbach aponta para a inclusão. Inclui o Velho no Novo Testamento e vice-versa. Inclui também aquele que acolhe o texto bíblico pela sua identificação. A inclusão deixa de ser somente retórica usualmente dada no púlpito pela postura dialogal e torna-se hermenêutica: o leitor/ouvinte passa a se perceber no relato bíblico (DUSILEK, 2014, p. 64).

Ao contrário das narrativas da antiguidade que normalmente caricaturavam a realidade do homem comum de modo satírico (AUERBACH, 1994, p. 27, 36, 38), a narrativa bíblica, juntamente com a interpretação figural, insere os personagens e os leitores em uma “meta-narrativa, numa história maior” (DUSILEK, 2013, p. 115), de forma que o leitor participa e contribui com algo que transcende sua vida.

Esta “reinterpretação interpretativa” (AUERBACH, 1994, p. 41; DUSILEK, 2013, p. 116-117), chave de todo o processo da interpretação figural, foi aplicada especialmente às relações entre a *Tanakh* e o Novo Testamento. “Interligada com a providência divina está a compreensão de Cristo como chave hermenêutica que possibilita a compreensão e recepção do texto” (DUSILEK, 2013, p. 117).

Auerbach traça a origem desta interpretação figural a partir dos escritores do Novo Testamento, tais como Paulo, e mesmo a pregação primitiva refletida nos Atos dos Apóstolos (AUERBACH, 1997, p. 42-45). Depois ele irá discorrer no uso desta forma de interpretação até Dante (AUERBACH, 1997, p. 45-64).

Este esquema de figura e cumprimento usada pelos cristãos para interpretar a ligação entre o Antigo e o Novo Testamentos, entre o judaísmo e o cristianismo, entre o mundo

atual e o porvir, e, em Dante, entre o paganismo e o Cristianismo, desafia a lógica da teleologia aristotélica e da ciência newtoniana, pois estes pensam na relação causa-efeito apenas na direção do anterior para o posterior, cânone que a interpretação figural transgride ao afirmar que o evento mais recente “interfere” no anterior atribuindo-lhe sentido (WHITE, 1999, p. 95-96).

A interpretação figural proposta por Auerbach não se exaure em apenas nos aspectos literários, mas envolve muito mais:

O que é mais característico no conceito de história literária de Auerbach é a forma pela qual ele usa o modelo figural para explicar não somente a relação entre vários textos literários mas também a relação entre literatura e seus contextos históricos. Para ele, o texto literário representativo pode ser ao mesmo tempo (1) um cumprimento de um texto anterior e (2) uma prefiguração potencial de algum texto posterior, mas também (3) uma figuração da experiência do ambiente histórico de seu autor e, portanto, (4) um cumprimento de uma prefiguração de uma parte da realidade histórica. Em outras palavras, não se trata de um autor que tem uma experiência em um ambiente histórico e então a representa, de modo figural, no seu texto. Ao contrário, a experiência é sempre uma figura e, na medida em que ela serve como um conteúdo ou um referente para uma representação posterior, ela é uma prefiguração que é cumprida somente em um texto literário (WHITE, 1999, p. 93).

Ou seja, o texto literário (i) (pré-)figura textos anteriores e/ou posteriores, e também (ii) figura ou prefigura a experiência histórica do autor. Na interpretação figural, as relações são bidirecionais e não unidirecionais como ocorre na alegoria, além de serem firmemente ligadas à experiência histórica do autor.

A interpretação figural se diferencia amplamente da interpretação alegórica (AUNE, 2003, p. 30) e se aproxima da tradicional interpretação tipológica cristã (AUNE, 2003, p. 479; GONZÁLEZ, 2011, p. 86). O quadro abaixo sumariza as similaridades e diferenças entre elas.

Interpretação Alegórica	Intepretação Tipológica e Interpretação Figural
O significado do texto é outro: um mistério da fé.	O significado maior do Velho Testamento se descobre no Novo Testamento embora ambos tenham significado próprio.

Elemento fundamental: Alegoria	Elementos fundamentais: Tipo e Antítipo; Figura
A historicidade do texto é negada ou é secundária (AUERBACH, 1997, p. 46-47).	A historicidade de ambos os textos é importante e um amplia o sentido do outro (AUERBACH, 1997, p. 31, 46). A historicidade do primeiro texto é afirmada, mas a mais importante é a do segundo (AUERBACH, 1997, p. 44): “um sistema de profecia figural, no qual o novo Messias preenche e anula ao mesmo tempo a obra realizada pelo seu precursor”
Visão da narrativa como símbolo a ser decifrado.	Visão das narrativas como realidades a serem acolhidas.
Formas simbólicas ou míticas (AUERBACH, 1997, p. 48-49)	Histórias (AUERBACH, 1997, p. 48-49): é uma visão figural da história (AUERBACH, 1997, p. 51) Analogia - Relacionamento biunívoco entre as narrativas.
Mágico (AUERBACH, 1997, p. 49)	O Tipo se cumpre no Antítipo. As Figuras são relacionadas entre si e com a realidade do leitor
	Sombra e realidade (Cl 3.17; Hb 8.5; 10.1)
De origem pagã (AUERBACH, 1997, p. 54)	De origem cristã (AUERBACH, 1997, p. 54)

Esta bidirecionalidade da figura de Auerbach e a afirmação da historicidade de ambos os eventos que se relacionam como figura são dois elementos fundamentais e característicos. Contudo, ao se falar de historicidade, Auerbach (1997, p. 50-51) se afasta do que chamou de “visão moderna” dos acontecimentos para insistir no que considerou a o “sistema ou interpretação figural”:

Visão moderna da história	Visão figural da história
O acontecimento é provisório	A interpretação vem “de cima”
Trata-se de um momento em um processo horizontal indivisível	Os acontecimentos são individuais mas ligados indivisivelmente por uma “terceira coisa” prometida mas ausente

O acontecimento é sempre autossuficiente	O acontecimento aponta para um protótipo
Sua interpretação é sempre incompleta	Sua interpretação já está antecipadamente garantida

Assim, a interpretação figural insiste na historicidade das narrativas, mas apresenta uma visão de história que se desenrola dentro de uma providência divina que governa o passado e de uma revelação progressiva que se consuma no futuro (AUERBACH, 1997, p. 50-51).

3 A LEITURA FIGURAL DE AUERBACH NA *TANAKH* E NO EVANGELHO

Auerbach não explorou o fato que tanto a *Tanakh* como os Evangelhos, usam do recurso da “figura” não apenas no sentido da inclusão Velho-Novo Testamentos como Auerbach exemplificou. Encontramos interpretação figural nas narrativas da *Tanakh* referindo-se a eventos da história de Israel e da religião de Israel, sem referência necessária ao Novo Testamento. Também encontramos interpretação figural nas narrativas dos Evangelhos, fazendo figuração com a história e conceitos do Evangelho e não com a *Tanakh*.

A título de exemplo, exploraremos, primeiramente, uma narrativa da *Torah* e, depois, uma narrativa do Evangelho de Marcos para caracterizar e exemplificar o uso ampliado da interpretação figural proposta de Auerbach.

O primeiro evento narrativo da *Torah* que sinaliza o uso de uma interpretação figural já nos tempos veterotestamentários é a história da escravização de Sarai pelo Faraó em Gênesis 12.10-13.4:

12.10 Havia fome naquela terra; desceu, pois, Abrão ao Egito, para aí ficar, porquanto era grande a fome na terra. 11 Quando se aproximava do Egito, quase ao entrar, disse a Sarai, sua mulher: Ora, bem sei que és mulher de formosa aparência; 12 os egípcios, quando te virem, vão dizer: É a mulher dele e me matarão, deixando-te com vida. 13 Dize, pois, que és minha irmã, para que me considerem por amor de ti e, por tua causa, me conservem a vida. 14 Tendo Abrão entrado no Egito, viram os egípcios que a mulher era sobremaneira formosa. 15 Viram-na os príncipes de Faraó e gabaram-na junto dele; e a mulher foi levada para a casa de Faraó. 16 Este, por causa dela, tratou bem a Abrão, o qual veio a ter ovelhas, bois, jumentos, escravos e escravas, jumentas e camelos. 17 Porém o SENHOR puniu Faraó e a sua casa com grandes pragas, por causa de Sarai, mulher de Abrão. 18

Chamou, pois, Faraó a Abrão e lhe disse: Que é isso que me fizeste? Por que não me disseste que era ela tua mulher? 19 E me disseste ser tua irmã? Por isso, a tomei para ser minha mulher. Agora, pois, eis a tua mulher, toma-a e vai-te. 20 E Faraó deu ordens aos seus homens a respeito dele; e acompanharam-no, a ele, a sua mulher e a tudo que possuía. 13.1 Saiu, pois, Abrão do Egito para o Neguebe, ele e sua mulher e tudo o que tinha, e Ló com ele. 2 Era Abrão muito rico; possuía gado, prata e ouro. 3 Fez as suas jornadas do Neguebe até Betel, até ao lugar onde primeiro estivera a sua tenda, entre Betel e Ai, 4 até ao lugar do altar, que outrora tinha feito; e aí Abrão invocou o nome do SENHOR (BIBLIA, 1993).

O texto de Gênesis 12.10-20 narra um episódio constrangedor tanto para as tradições de Israel como para o judaísmo e o cristianismo posteriores. Nesta perícopes, de modo aparentemente gratuito, a literalidade da narrativa atribui a Abraão (Abrão) um caráter mentiroso e, em sua descrição lacônica, coloca a honra de Sara (Sarai) em risco. A história narra a descida de Abrão e sua família da terra de Canaã para o Egito, por causa de uma fome. Chegando no Egito, Abrão pede a Sarai que se apresente como irmã dele, para que os egípcios não o matem por causa da beleza dela. Ao realizarem este plano, o Faraó acaba incorporando Sarai em seu harém. Por causa disto, Deus envia pragas contra a casa de Faraó de forma que, de alguma maneira, ele acaba compreendendo que Sarai era casada com Abrão. Assim, ele a liberta, devolvendo-a a Abrão, com riquezas em compensação pela desonra.

Ao nosso ver, tal história que não tem razão para ser incluída nas narrativas históricas da Bíblia Hebraica, é incorporada por conta da sua interpretação figural que se consuma no Êxodo de Israel, conforme os próprios vocábulos do texto narrado sugerem.

A narrativa da “jornada” de Abraão no Egito carrega as marcas de ter sido intencionalmente moldada pela narrativa posterior da libertação de Israel do Egito (Gn 41—Êx 12) (SAILHAMER, 1990, p. 116).

A história da “escravização de Sarai e da desonra de Abrão” funcionam como sombra histórica da história do Êxodo (Gn 41--Êx 12). A tabela abaixo, mostra os paralelos e aproximações das duas narrativas. “É difícil encontrar um verso ou até meio verso desta narrativa que não nos lembre de uma afirmação paralela nas narrativas concernentes aos israelitas [no Êxodo]” (CASSUTO, 1974, p. 334) Uma lista mais detalhada pode ser encontrada na obra de Sailhamer (1990, p. 116-117) e também

na de Cassuto (1974, p. 334-344). Grifamos abaixo o vocabulário da perícopes que mostra, em detalhe, a aproximação entre as duas narrações.

A história de Abraão e Sara no Egito	A história de Israel no Egito
Uma fome na Palestina obriga a descida ao Egito	Os anos de fome em todo o mundo obrigam a descida ao Egito
Abraão é recebido como hóspede	Israel e seus filhos são recebidos como hóspedes
Abraão é desonrado e Sara é “ escravizada ” ao ser levada para o harém do faraó	O povo de Israel é escravizado e desonrado pelos novos faraós
Deus envia pragas contra a família de faraó	Deus envia pragas contra o Egito
Abraão é compensado pela desonra e Sara é libertada	Israel é libertado
Abraão e sua família recebem a ordem de ir embora do Egito	Israel recebe a ordem de ir embora do Egito
Abraão fica rico	Os israelitas despojam os egípcios
Abraão retorna ao altar de adoração a Deus	Os israelitas vão ao Monte Sinai para adorar a Deus

A interpretação figural proposta por Auerbach (1997) serve de chave heurística para a razão de ser e para a validade teológica desta perícopes na *Torah*. A narrativa histórica só merece ser recontada por trazer em si a figura do grande evento do Êxodo de Israel, narrado em detalhes em Êxodo 1-20, com antecedentes no livro de Gênesis. Como figura, a narrativa é a sombra da realidade maior que se cumpre na história do Êxodo. Antecipadamente, na cronologia do relato, ela traz à memória o evento salvífico fundamental da nação de Israel.

De uma forma litúrgica, esta história é retomada no rito da oferta das primícias, descrita no livro de Deuteronômio, com uma ambiguidade que refere tanto ao “pai Abraão” como aos “pais que foram escravizados no Egito”, ou seja, as duas histórias são narradas pela mesma liturgia numa linguagem abrangente e ambígua:

Meu pai foi um arameu prestes a perecer. Ele foi para o Egito, e ali viveu como estrangeiro com pouca gente; e ali veio a ser uma nação grande, forte e numerosa. 6 Mas os egípcios nos maltrataram, oprimiram e nos impuseram dura servidão. 7 Clamamos ao SENHOR, Deus de nossos pais; e o SENHOR ouviu a nossa voz e viu a nossa angústia, o nosso trabalho e a nossa opressão. 8 E o SENHOR nos tirou do Egito com mão poderosa, com braço estendido, com grande espanto, com sinais e com milagres. 9 Ele nos trouxe a este lugar e nos deu esta terra, terra que mana leite e mel. 10 Eis que, agora, trago as primícias dos frutos da terra que tu, ó SENHOR, me deste (Deuteronômio 26.5b-10a – NAA).

O prof. Adolfo Roitman, (2015, p. 21-26) avalia a estada de Abraão no Egito de outro modo, mas, de passagem, menciona um mecanismo exegético hebreu que espelha a leitura figural:

O autor bíblico tinha deliberadamente projetado a história de Abraão no Egito como uma antecipação “profética” da escravidão futura do povo hebreu no Egito, seguindo o princípio exegético hebraico (de formulação medieval): “*Maaseh avot siman lebanim*” (“a ação dos pais é um sinal para os filhos”) (ROITMAN, 2015, p. 23).

O princípio “*Maaseh avot siman lebanim*” (מעשה אבות סימן לבנים) é frequentemente citado pelos rabinos e por estudiosos judeus hodiernos, como uma forma de ler as narrativas antigas da Bíblia Hebraica na busca de soluções para a atualidade (ZAKHEIM, 2010, p. 118; SKOLNICK, 2010, p. 26). As ações dos grandes patriarcas, e por extensão de todos os personagens bíblicos, é sempre, de algum modo, profética e encontra recapitulação, atualização e cumprimento nas ações posteriores. O aspecto “figural” ou “profético” das antigas narrativas que se repetem ou refletem na história passada e atual, é uma abordagem congenial com a apresentada por Auerbach.

Por outro lado, os antigos comentaristas judeus, para escapar da literalidade obscena e infamante do texto, tomam uma de três vias. A primeira via é dissimular as falhas de Abraão como o faz o autor anônimo da obra intitulada “O Apócrifo de Gênesis”: nesta narrativa, tudo se explica por meio de uma revelação divina para salvar Abraão. A outra via, se exemplifica por Flávio Josefo que em suas “Antiguidades dos Judeus” (I, viii, 1) transforma totalmente a narrativa, fazendo-a proclamar virtudes excepcionais de Abraão (ROITMAN, 2015, p. 23-25). O Talmude (*apud* TORÁ, 2001, p. 30) coloca o evento como uma das dez provas pelas quais Abraão passou: o texto fala de suas

virtudes e não de suas falhas. A terceira via é a alegorização, assumida também pelos intérpretes cristãos antigos.

Os comentaristas mais modernos, ao encararem o constrangedor texto de Gênesis 12, se perdem em preconceitos. Suas vias são outras. Ou avaliam a história como folclore (SKINNER, 1930, p. 247-248) ou se perdem em moralizações sobre a ação de Abraão, tanto em ir ao Egito como pela mentira proferida (BOICE, 1998, p. 471-477).

Todas estas posturas se desviam em seus preconceitos e não conseguem ver teologia e confissão de fé em meio à figuralidade do evento sob influência do relato mais fundamental para a fé de Israel, a saída do Egito:

O professor Gerhard von Rad salientou que as confissões mais antigas que o Antigo Testamento contém são as narrativas dos atos salvíficos de Deus que, na sua forma desenvolvida, suprem o tema central em torno do qual os historiadores mais antigos de Israel coligiram e organizaram várias tradições... (WRIGHT, 1967, p. 80).

Conforme Auerbach ressalta, é a providência divina que está por trás de todos os acontecimentos que unifica os eventos, sem negar a historicidade de nenhum deles, mas ilustrando um pelo outro. Neste evento, em si mesmo cotidiano e até constrangedor, um contexto histórico-universal se revela pela interpretação figural pela qual o divino se revela no humano e vice-versa (AUERBACH, 1994, p. 136). “O caos terreno quando contemplado e vivido passa a ser entendido como algo menor do que poderia ser sem uma realidade que abranja Deus” (DUSILEK, 2017, p. 178).

Muitos outros exemplos de leitura figural da *Tanakh* podem ser alistados. Como o pressuposto da teologia bíblica reside na afirmação que “a História é a revelação de Deus” (WRIGHT, 1967, p. 56), torna-se óbvio que muitas das narrativas sejam figurações da ação de Deus.

O pequeno cesto de vime calafetado com piche que salvou Moisés de morrer no Nilo (Êx 2.3, 5) é chamado *tevah* (תֵּבָה), no construto hebraico *tevath* (תֵּבַת). A palavra significa “arca, caixa”. A mesma palavra usada para a “arca de Noé” (Gn 6.14-9.18), uma grande caixa de madeira, igualmente calafetada com piche, que resultou na salvação da humanidade. Esta palavra “arca” (*tevah*, תֵּבָה) só ocorre na *Tanakh*, nos

textos referidos acima (HOLLADAY, 2010, p. 549), assim, a salvação da arca de Noé figurava a salvação pela arca de Moisés e vice-versa.

A história da destruição de Sodoma e Gomorra (Gn 19) pode ser lida, da mesma forma, como figura da destruição do Egito na libertação de Israel (Êx 1-20). A história de Hagar no deserto (Gn 21.8-21) tem aspectos figurais da peregrinação de Israel pelo deserto (Nm). A passagem pelo Mar Vermelho (Êx 14) encontra eco e figura a passagem pelo Jordão (Js 3-4). Moisés figura Josué (Dt 18.15-22 e Js 1.1-9, 16-18) e, mais tarde, Elias que, por sua vez, é também figurado em Eliseu (1Rs 17—2Rs 13). A história trágica de Sansão (Jz 13-16) não deixa de ser uma figuração da história do próprio Israel tribal: forte e fraco. Enfim, é possível multiplicar os exemplos com análises detalhadas para mostrar que as narrativas convidam a uma leitura figural, cujos elementos para a realização da figuração, já estão na história dos leitores do texto.

Nesta leitura, observamos que a interpretação figural que Auerbach aplicou primeiramente ao modo como os cristãos primitivos leram a *Tanakh*, aplica-se, também, a leituras que a *Tanakh* faz da própria *Tanakh*. Assim, a interpretação figural, onde as duas narrativas são tomadas como descrições da realidade, onde uma figura a outra, e onde o leitor é convidado a incluir-se, já é uma leitura que se encontra na mais antiga literatura religiosa de Israel, a *Tanakh* dos judeus que é o Antigo Testamento dos cristãos.

Da mesma forma, pode-se observar os autores do Novo Testamento realizarem interpretações figurais da realidade, sem estar usando o Velho Testamento. Os autores narram histórias, sobretudo nos Evangelhos, onde a figura não vem do passado, mas do próprio evangelho cristão.

Auerbach, *en passant*, acolhe a possibilidade de o Novo Testamento realizar interpretação figural do próprio Novo Testamento, sem necessidade da costumeira relação entre os Testamentos da Bíblia. Quando Auerbach (1997, p. 28-29) cita Tertuliano combatendo Marcião, utilizando o texto da instituição da Eucaristia (ou Ceia do Senhor), está admitindo um raciocínio figural intraneotestamentário: “Este é o meu corpo, isto é a figura de meu corpo” (AUERBACH, 1997, p. 29). Da mesma forma, cita

o tanque de Betesda como figura do batismo, no discurso de Tertuliano (AUERBACH, 1997, p. 30).

A título de exemplo, utilizaremos a narrativa da cura do leproso de Marcos 1.40-45.

40 Aproximou-se dele um leproso rogando-lhe, de joelhos: Se quiseres, podes purificar-me. 41 Jesus, profundamente compadecido, estendeu a mão, tocou-o e disse-lhe: Quero, fica limpo! 42 No mesmo instante, lhe desapareceu a lepra, e ficou limpo. 43 Fazendo-lhe, então, veemente advertência, logo o despediu 44 e lhe disse: Olha, não digas nada a ninguém; mas vai, mostra-te ao sacerdote e oferece pela tua purificação o que Moisés determinou, para servir de testemunho ao povo. 45 Mas, tendo ele saído, entrou a propalar muitas coisas e a divulgar a notícia, a ponto de não mais poder Jesus entrar publicamente em qualquer cidade, mas permanecia fora, em lugares ermos; e de toda parte vinham ter com ele (BIBLIA, 1993).

Nesta história, temos o evangelho dentro do Evangelho. A narrativa, historicamente, fala da cura de um leproso por Jesus, mas figuralmente, anuncia o processo de salvação por substituição, tão caro ao cristianismo primitivo (Mc 10.45; 14.24; 2Co 5.21; 8.9; Gl 3.13; etc.). Myers (1992, p. 195-196) assinala que a impossibilidade de Jesus entrar nas cidades devia-se ao fato de, depois do contato com o leproso, ser considerado impuro para entrar na cidade – ele advoga que este milagre, no Evangelho de Marcos, funciona como uma “primeira ação simbólica de cura”. Embora o texto diga explicitamente que a razão do afastamento de Jesus das cidades era o excesso de pessoas buscando a presença dele (Mc 1.45), a leitura do efeito simbólico e parabólico de sua ação salvífica substitutiva não pode ser evitado pelos leitores atentos à uma leitura figural.

A tabela abaixo (PESTANA, 2010, p. 53), mostra como a interpretação figural funciona da narrativa da cura para representar o próprio conceito e narrativa do Evangelho:

A história do leproso	O Evangelho
A lepra exclui a pessoa da vida	O pecado exclui a pessoa da Vida
O leproso procura Jesus para a cura	O pecador procura Jesus para a salvação
O leproso pede purificação	O pecador pede purificação
Jesus tem misericórdia	Jesus tem misericórdia

Jesus purifica a lepra	Jesus purifica o pecado
O homem recebe a cura	O homem recebe a salvação
Jesus toma o lugar do leproso: tem que ficar fora das aldeias (Mc 1.45)	Jesus toma o lugar do pecador: torna-se pecador e maldito (2Co 5.21 e Gl 3.13)

Leve-se em conta, ainda, que o verbo grego para “salvar” e “curar” é o mesmo, *sozo*, σῶζω, logo, todo “curar” figura também um “salvar” (GINGRICH; DANKER, 1984, p. 202). E assim pode-se proceder com inúmeras narrativas que figuram o evangelho. As parábolas, muitas vezes, são claras figurações do evangelho, mas também os milagres e os atos simbólicos de Jesus, que muitas vezes remetem ao que está ocorrendo com seus discípulos.

Outras duas curas, estranhamente narradas apenas por Marcos, figuram o processo de crescimento dos discípulos na sua apreensão da identidade de Jesus como o Messias, o Cristo. Marcos 7.31-37 e Marcos 8.22-26 narram curas em um processo elaborado (PESTANA, 2010, p. 58), dificultoso e até por etapas – estes fenômenos não se encontram em outras curas de Jesus. Contudo, nestas curas, estão figurados os discípulos em seu processo de crescimento, da surdez e cegueira (Mc 8.18), para a audição perfeita e a visão plena, revelada na confissão de Pedro (Mc 8.29). Assim, os milagres que têm relevância histórica para falar da atuação salvífica do Messias Jesus, também são figurações do próprio processo de aprendizado e crescimento dos discípulos de Jesus na compreensão de sua pessoa e obra.

Os Evangelhos Sinóticos têm a maior parte de suas narrativas organizadas figuradamente, não apenas com respeito às figuras da Bíblia Hebraica, mas também figurando a nova mensagem cristã, o Evangelho. O evangelho de João, com chave hermenêutica diferenciada em relação aos Sinóticos, é mais explícito no explorar estas figuras: Jesus purifica o templo e figura o novo templo (Jo 2.13-22); Jesus alimenta a multidão e figura o pão que desce dos céus (Jo 6), Jesus cura um cego de nascença e se apresenta como luz do mundo (Jo 9.5); Jesus ressuscita Lázaro para figurar o fato de ser “a ressurreição e a vida” (Jo 11.25); etc.

A interpretação figural e o uso de figuras a todo momento nas narrativas dos Evangelhos decorre do fato que, nos Evangelhos, “cada parte ilumina o todo e o todo se vê em cada parte” (PESTANA, 2010, p. 53).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interpretação figural proposta por Erich Auerbach mostra-se uma ferramenta necessária e útil para a hermenêutica bíblica, não apenas na história da interpretação da *Tanakh* judaica pelos cristãos no Novo Testamento. Embora esta interpretação figural se manifeste com toda clareza em alguns intérpretes neotestamentários e cristãos que se utilizam dela para ler a *Tanakh*, esta leitura tem muito maior aplicação e uso. Ela é aplicável e importante para a leitura figural da própria *Tanakh* pela *Tanakh*, dentro da religião de Israel e do judaísmo. Ela também é aplicável e útil na leitura cristã das próprias narrativas cristãs – as ações de uma narrativa remetem a outra mais importante, figurando-a.

A interpretação figural deixa de ser uma ferramenta apenas cristã e se assume como sendo uma chave hermenêutica já presente nas mais antigas narrativas da Bíblia Hebraica. Ela foi utilizada pelos escritores cristãos do Novo Testamento, cuja evidente maioria era composta de judeus, como forma de não apenas interpretar o Velho Testamento, mas também para interpretar as narrativas do evangelho por meio da mensagem maior e abrangente do Evangelho.

REFERÊNCIAS

ALTER, Robert; KERMODE, Frank (Eds.). **The Literary Guide to the Bible**. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 1987.

AUERBACH, Erich. **Figura**. São Paulo: Ática, 1997.

AUERBACH, Erich. **Mimesis**: A representação da realidade na literatura ocidental. 3ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1994.

AUNE, David E. **The Westminster Dictionary of New Testament and Early Christian Literature and Rhetoric**. Louisville: Westminster John Knox Press, 2003.

BÍBLIA SAGRADA, Tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil. 2ª Edição. Barueri: SBB, 1993.

BOICE, James Montgomery. **Genesis: an expositional commentary**. Vol. 2: Genesis 12-36. Grand Rapids: Baker, 1998.

CASSUTO, Umberto. **A Commentary on The Book of Genesis**. Part II. Jerusalem: The Magnes Press, 1974.

DAWSON, John David. **Christian Figural Reading and the Fashioning of Identity**. Berkeley: University of California Press, 2001.

DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves. *A contribuição de Auerbach para a interpretação bíblica moderna*. **Tear Online**. São Leopoldo, v. 3 n. 2, p. 64-76, jul.-dez. 2014. Disponível em <http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/258> Acessado em 25 de novembro de 2019.

DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves. **A Contribuição de Erich Auerbach para a Recepção Bíblica na Modernidade**. 2015. 155p. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015. Disponível em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/4824> Acessada em 26 de novembro de 2019.

DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves. *Religião e Literatura: Uma leitura a partir de Erich Auerbach*. **TeoLiterária**. São Paulo, v. 7 n. 14, p. 159-183, 2017. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/teoliteraria/article/view/32814/24395> Acessado em 26 de novembro de 2019.

DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves. O Desafio da Recepção Bíblica na Modernidade Tardia. **Sacrilegens**. Juiz de Fora, v. 10, n. 2, p. 109-120, jul-dez/2013. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/26761/18469> Acessado em 26 de novembro de 2019.

GONZÁLEZ, Justo. **Tradições Cristãs: Retorno à História do Pensamento Cristão: três tipos de teologia**. São Paulo: Hagnos, 2011.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. **Léxico do Novo Testamento Grego/Português**. São Paulo: Vida Nova, 1984.

HOLLADAY, William L. **Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Paulinas [Paulus], 1992.

NAA – **BÍBLIA SAGRADA**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 3ª Edição. Barueri: SBB, 2017.

PESTANA, Álvaro César. *O Evangelho Segundo Marcos: Arte Poética e Arte Retórica* In: POSSEBON, Fabricio (Org.). **O Evangelho de Marcos**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2010, p. 25-65.

ROITMAN, Adolfo D. **Bíblia, Exegese e Religião: Uma leitura do judaísmo**. São Paulo: Vida, 2015.

SAILHAMER, John H. *Genesis* In: GAEBELEIN, Frank E. **The Expositor's Bible Commentary**. Vol. 2. Grand Rapids: Zondervan, 1990.

SKINNER, John. **A Critical and Exegetical Commentary on Genesis**. Second Edition. Edinburg: T. & T. Clark, 1930.

SKOLNICK, IRVING H. “*The Hidden Mission of Biblical Angels*” **Jewish Bible Quarterly** Vol. 38, n. 1, p. 21-31, January, 2010. Disponível em <https://www.questia.com/read/1G1-225793241/the-hidden-mission-of-biblical-angels> acessado em 2 de março de 2020.

TORÁ: A Lei de Moisés. São Paulo: Editora Sêfer, 2001.

WAIZBORT, Leopoldo. *Erich Auerbach sociólogo*. **Tempo Social**, 16(1), p. 61-91, 2004. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12416> Acessado em 26 de novembro de 2019.

WHITE, Hayden. **Figural Realism: Studies in the Mimesis Effect**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.

WRIGHT, G. Ernest. **O Deus que age**. São Paulo: ASTE, 1967.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares; LEONEL, João. **Bíblia, Literatura e Linguagem**. São Paulo: Paulus, 2011.

ZAKHEIM, Dov S. “Of Battles and Military Strategies in Sefer Shoftim” **Milín Havilin**, vol. 4, p. 102-119, 2010. Disponível em <https://library.yctolah.org/files/2016/09/Of-Battles-and-Military-Strategies-in-Sefer-Shoftim.pdf> acessado em 2 março 2020.